A linguagem dos ciganos de Sobral – Glossário

José Rogério Fontenele Bessa(*)

1 Considerações preliminares

Sobral, a cognominada Princesa do Norte, é uma progressista cidade do interior cearense, que se localiza na mesorregião noroeste do Estado do Ceará, Brasil. Possui um traçado urbano típico de cidade capital, que tem o que mostrar ao visitante: velhos casarões e muitas igrejas. Tem várias emissoras de rádio e um bom sistema de saúde com inúmeros postos de atendimento. A Santa Casa e o Hospital do Coração são instituições referenciais, que dão suporte ao funcionamento de um Curso de Medicina, que frutificou de um convênio celebrado entre a Universidade Estadual Vale do Acaraú e a Universidade Federal do Ceará.

Em três de seus bairros, a saber: Sumaré, Alto Novo e Pantanal, segundo informação tornada pública em BESSA (1998/1999: 71a), fixou residência uma pequena comunidade cigana constituída por 26 famílias. O líder da Comunidade é o Capitão Valdemar Pires Cavalcante, que tem, salvo equívoco, oitenta e cinco anos. Ele e os outros de média e avançada idade conservam uma variedade da Língua Romani que denominam ora Dialeto Egipciano, ora Gíria Egipciana. Durante muitos anos, em seu comércio de compra e venda de animais (burros e jumentos), fizeram uma rota que principiava na Bahia e terminava no Maranhão. Sobral, onde passavam temporada, serviu-lhes como ponto de apoio até o dia em que, em virtude da idade de seu líder, resolveram não mais viajar e a escolheram para residência. A comunidade se tornou, então, sedentária e o antigo criptolecto corre agora o risco de extinção.

(*) Professor aposentado da Universidade Federal do Ceará, e Professor visitante da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Urge, por conseguinte, registrar este criptolecto enquanto é tempo. O Glossário, que adiante apresentamos, compreende os primeiros resultados de uma investigação, cujas linhas metodológicas se acham expostas em BESSA (1999).

2 Alcance deste empreendimento lexicográfico

Este *glossário* compreende todas as respostas dadas pelos dois informantes ciganos co-partícipes da tentativa de tirar o seu dialeto, o por eles denominado Egipciano, do plano da oralidade. As respostas deles elicitadas compreendem não apenas itens lexicais propriamente ditos, senão também sintagmas oracionais e nominais. As referidas respostas redundam num total de cento e cinqüenta e dois verbetes.

Há, no entanto, dois verbetes (q. v. **Bharval** e **Bosh**) que se somam aos cento e cinqüenta e dois, perfazendo a cifra total de cento e cinqüenta e quatro verbetes. Os dois verbetes adicionais correspondem a formas do dialeto dos Ciganos Kaldarash do Brasil, averbadas em ABELIN (1996), que são citadas, durante a entrevista, pelo inquiridor com os objetivos de testar o conhecimento dos informantes e apurar o alcance dialetal das duas formas registradas na mencionada fonte.

Em suma, este glossário é o repositório de todas as palavras, expressões e orações (cláusulas) que ocorrem no texto correspondente às duas primeiras horas de entrevista.

3 Estrutura dos verbetes

Os verbetes se estruturam, em geral e tanto quanto possível, de acordo com o seguinte detalhamento:

a. *lema*, ou seja, a forma que é objeto do registro e que, por sinal, é impressa em negrito;

b. *classificação morfolexical*, ou seja, o termo lemático é seguido de abreviaturas que o inserem numa classe morfolexical: s. m.; s. f.; adv.; adj.; v.; quando a classificação como substantivo não parece plausível, a forma lemática é, então, classificada como sint. nom. e/ou sint. or., conforme o caso;

c. informação referente à estrutura da forma lemática, ou seja, à sua composição mórfica interna, ilustrada pela segmentação e classificação dos morfes componentes;
d. indicação da forma opositiva, ou seja, da correspondente forma de feminino;
e. estipulação das *co-variantes interdialetais ou formas equivalentes noutros dialetos*, quando, em ambos os casos, é possível o rastreamento. Às vezes, o verbete se estrutura mais simplesmente, sendo constituído do lema e da classificação morfolexical, aos quais se segue uma informação referente à sua procedência, ou seja, às condições de elicitação e/ou à sua relação/filiação histórica. Na maioria dos casos, entre estes o último, o verbete se encerra com a estipulação, seja das *co-variantes interdialetais*, seja das *formas correspondentes noutros dialetos*, conforme o caso.

4 A classificação morfolexical

Classificamos um item lexical como 's. m.' ou 's. f.', quando está patente, no teor da entrevista, o gênero. Por exemplo, o termo para 'boca', isto é, *muis* classificamos como 's. m.', porque o entrevistado deixa transparecer pela antecedência do artigo o gênero do substantivo. Quando as condições da entrevista não favorecem a estipulação do gênero, o item lexical é classificado simplesmente como 's.', ficando assim em aberto a classificação. Na secção 5, referimo-nos, em particular, à dificuldade de classificar certas respostas seja como 's. m.', seja como 's. f.', seja como 's.'.

5 Co-variantes interdialetais

Constitui a expressão empregada com referência a formas de diferentes dialetos, designativas de um conceito específico, que são, de modo indiscutível, aparentadas relativamente umas às outras e à forma do Dialeto Egipciano que constitui o lema do verbete. Quando as formas de diferentes dialetos não parecem aparentadas relativamente umas às outras e à forma do Dialeto Egipciano que

é objeto do verbete ou quando as formas de diferentes dialetos são aparentadas relativamente umas às outras, porém, não à forma lemática do verbete, empregamos a expressão *formas correspondentes e/ou equivalentes noutros dialetos.*

Quando o rastreamento das fontes de consulta só detecta uma forma designativa paralela, não-aparentada relativamente à forma lemática, a expressão *formas correspondentes e/ou equivalentes noutros dialetos* é empregada, toda ela, no singular. No caso de a forma detectada parecer aparentada relativamente à designação lemática, a variante é precedida da expressão *co-variante noutro dialeto.* Enquadra-se, neste caso, a forma *balitschkija* no verbete **Balichin**.

6 Dificuldade descritiva

Na análise dos dados lingüísticos ciganos coletados, a maior dificuldade encontrada foi a classificação de certas formações e/ou composições como 's.' (substantivo) ou como 'sint. nom.' (sintagma nominal) (v. g.: **Pain barin**, 'açude'). HALWACHS & AMBROSCH (1999) não hesitam em classificar como 'nom. phr.' (Nominalphrase) certas designações perifrásticas de 'conceitos' sem designação específica no dialeto por eles descrito. Um bom exemplo ilustrativo é *baro paj* (q. v. HALWACHS & AMBROSCH (1999: 12)).

Neste trabalho, seguimos a orientação destes autores, quando a classificação da resposta como 's. m.', 's. f.', ou 's.' não se justifica de nenhum modo. Por exemplo, classificamos como 'sint. nom.' respostas como *Aduve gives puron*, 'Adeus ano-velho!'; *Lachin ugin*, 'Boa sorte!'; e *Lachon gives nuvon*, 'Feliz ano-novo!', porque estas são apenas expressões de regozijo e não itens lexicais. Para nós, no entanto, *braquin parnin*, 'ovelha' e *pain barin*, 'açude', para dar alguns exemplos, não devem classificar-se como 'sint. nom.', porque a perífrase designativa supre a lacuna lexical, que, em muitas línguas, é preenchida por formas monemáticas graficamente contínuas.

No que se segue, consideramos com relativa brevidade, a notória contribuição de Adolpho Coelho à linguagem dos ciganos

do Alentejo. Reproduzimos-lhe alguns trechos, que, segundo pensamos, representam, de forma sucinta, o pensamento geral definitivo do ciganólogo acerca da mencionada linguagem. Confrontamos depois os pontos principais de seu pensamento com a realidade empírica objeto de nossa investigação. O resultado deste confronto é uma reflexão sobre alguns aspectos da linguagem dos ciganos assentados em Sobral, que servirá como ponto de partida em futura descrição gramatical da realidade lingüística em referência.

7 Alguns aspectos da linguagem dos ciganos de Sobral

De sua contribuição, pioneira em Portugal, COELHO (1892: 31) afirmava:

> *O presente trabalho demonstra, creio, que os ciganos de Portugal devem ser considerados como um simples ramo dos gitanos de Espanha* (...).

O orientalista português estudou a língua dos ciganos de Portugal – mais precisamente, a dos ciganos do Alentejo – com a base empírica de dados coletados por A. Thomaz Pires. Ele comparou estes dados com os colhidos por Leite de Vasconcelos de um grupo de ciganos em Cadaval (Estremadura).

O resultado das pesquisas empírica e bibliográfica foi, portanto, uma contribuição apreciável que se divide em três partes, assim enumeradas e designadas: I.- A língua dos ciganos; II.- O calão e a língua dos ciganos; e III.- Esboço histórico e etnográfico. A estas se seguem três importantes apêndices, a saber: Apêndice I.- Documentos; Apêndice II.- Os ciganos do Brasil; e Apêndice III.- Tipo físico dos ciganos. O que há de mais valioso, no entanto, de um ponto de vista que é o da Lingüística Romani, concentra-se na Parte I, em que se localiza um Vocabulário de 484 termos.

Rosa Maria Perez, no prefácio à segunda edição (1995: 13-4) da obra de Adolpho Coelho, houve-se muito bem ao lhe avaliar o conteúdo nos seguintes termos:

> *A análise lingüística, predominante na obra (...) evidencia inequívocas influências da Gramática Comparada, cujos principais temas podem aqui ser identificados. Refiro-me, sobretudo, à tese da* evolução das línguas *e da sua* transformação, *por empréstimo ou por herança; à idéia de que a evolução se faz no sentido da* degenerescência (...).

O que aí mais chama a atenção é o termo *degenerescência*, que bem condiz com a idéia concebida pelo orientalista e ciganólogo português acerca do *Rumanho*, a variedade dialetal dos ciganos do Alentejo por ele descrita. Para comprovar o seu ponto de vista no tocante à caracterização que faz do pensamento do comparativista luso, Rosa Maria Perez destaca nas notas de rodapé 1 e 2 (q. v. *Prefácio*: 14) trechos do seguinte lanço que se lê em COELHO (1892: 62-3):

> *O rumanho, a julgar pelos documentos que publico, perdeu quase todas as partículas e pronomes (vid. no vocabulário* apalé, amangue, mangue, mindai, se*), e outras formas gramaticais que ainda conserva o gitano; representa pois um estádio mais adiantado na ruína da língua tsigana primitiva que o gitano, e oferece por esse lado interesse particular para o estudo de um dos processos de substituição da língua de um povo por outra. Nos dialetos tsiganos europeus extra-hispânicos conserva-se em geral a base índica primitiva do vocabulário e da gramática; no gitano os elementos tsiganos da gramática reduzem-se consideravelmente, perdendo-se quase por completo a antiga declinação e conjugação, apenas representada por tênues vestígios; no rumanho os vestígios tsiganos reduzem-se quase unicamente a vocábulos feitos e alguns processos de derivação: o espanhol e ainda o português ocupam o lugar abandonado pela gramática tsigana. Assim por misturas sucessivas o elemento românico foi eliminando o tsigano.*

Em trecho que antecede ao acima reproduzido, COELHO (1892: 62) descreve a *degenerescência* atingida pelo Rumanho nestes termos:

> *(...) o rumanho não é mais do que o espanhol influenciado pelo português e semeado de palavras particulares, a maior parte*

> *das quais se encontram também no gitano ou linguagem dos Ciganos da Espanha. Noutros países da Europa os tsiganos falam verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindus,* (...).

Pretendeu, pois, o orientalista português, por outras palavras, dizer que o Rumanho não é dialeto, mas algo parasitário na Língua Espanhola com alguma influência portuguesa. Os textos que antecedem o Vocabulário de 484 termos apresentam evidências que corroboram este pensamento. Enunciados como:

- *El jambo se camela rumandiñar,*
  'O homem que quer casar-se.';
- *Non le camelo,*
  'Não o quero.'; e
- *Miquela que lo ba ajustisarar,*
  'Deixa que o vá ajustar.',

expostos em COELHO (1892: 35), revelam o grau de hispanização que, já há cento e dez anos, atingira o Caló.

Este processo de hispanização se acha assim caracterizado em GEIPEL (1997: 157):

> *O processo de hispanização continuou até o estágio no qual, em enunciados contendo termos em caló, a sintaxe e a morfologia são inteiramente espanholas.*
>
> *Assim, o caló moderno foi reduzido à condição de um mero "subcódigo" do castelhano das classes baixas, no qual o romani e outros itens lexicais não padronizados são tratados gramaticalmente como se fossem espanhóis.*

Ora, esta é uma questão que interessa, muito de perto, num estudo sobre a linguagem dos ciganos assentados em Sobral, linguagem que o Capitão Valdemar Pires Cavalcante, líder da Comunidade Cigana de Sobral, e entrevistado principal durante as duas primeiras horas de gravação, denomina *Gíria Egipciana.* E quem

sabe se esta designação não é a mais apropriada para a realidade lingüística sobre a qual tentaremos aqui pequena reflexão com vista a um breve esboço descritivo futuro. De passagem, diremos que, nalguns casos, esta designação é adequada. Que casos são esses? Os de enunciados híbridos como:

1. Está truvelando butê (q. v.);
2. Tã brichindando de butê ; (q. v.) ou
3. Ta truvelando de butê (q. v.),

em que morfemas da Língua Portuguesa e da linguagem cigana se concatenam em cláusulas de morfologia e sintaxe típicas da realidade lusofônica. Noutros casos, como *Ela mequela o brichindo* (q. v.), a designação em referência já não se aplica. Neste enunciado, somente o pronome *ela* pertence à Língua Portuguesa. *Brichindo*, que significa 'chuva', é palavra universal ou quase, do gênero masculino, sendo *o* artigo definido da Língua Romani e não artigo da Língua Portuguesa.

É imperioso, no entanto, considerarmos atentamente os dados da entrevista para uma aquilatação correta da linguagem dos ciganos assentados em Sobral. Continuação presumível da linguagem dos ciganos de Portugal, é natural esperarmos que apresente as mesmas deficiências estruturais de que padecia a linguagem dos ciganos do Alentejo em fins do século XIX. Desta parece ser a continuação por apresentar certos traços e termos, quando, na verdade, mais próxima está da descrita em MORAES FILHO (1886: 101-6), pelo menos, de um ponto de vista morfológico.

Seria, a bem da verdade, uma continuação transformada da linguagem dos ciganos de Portugal, porque, como veremos, desenvolveu traços diferenciadores, principalmente, nos âmbitos da fonologia e da morfologia. Desde o início da pesquisa, aliás, percebemos esta característica na linguagem dos ciganos de Sobral. Um desses traços diferenciadores – a nasalização das vogais finais /o/ e /i/ que, às vezes, expressam oposição de gênero – encontra precedentes entre termos incluídos no *Vocabulário* em MORAES FILHO (1886: 101-6). Comparemos alguns desses termos com os correspondentes consignados em COELHO (1892).

COELHO (1892)	MORAES FILHO (1886)
callí, 'cigana'	*calin*, 'cigana'
caló, 'cigano'	*calon*, 'cigano'
churí, 'navalha'	*churin*, 'punhal', 'faca'
pañi, 'água'	*panin*, 'água'

A nasalização das vogais que expressam a oposição de gênero – tanto no dialeto dos ciganos do Rio de Janeiro, o descrito em MORAES FILHO (1886), quanto no Dialeto Egipciano – oferece duas implicações para a descrição lingüística: 1- a vogal temática *–ó* se converte em autêntico sufixo, criando-se, assim, a oposição *–on /-in* (o masculino deixaria de ser uma forma desmarcada); e 2 - a adição do segmento nasal dá margem a uma oposição manifestada por uma espécie de alternância vocálica.

A ter sempre em mente os referidos traços diferenciadores e a constituição de certos enunciados na Gíria Egipciana, as conclusões sobre o Rumanho em COELHO (1892) sempre nos pareceram estranhas e intrigantes. O que diria o ciganólogo luso de enunciados como os seguintes, que foram proferidos, de modo espontâneo, pelo informante principal do Projeto-CCS em 1998:

4. *Jalemo niscuda(r) dacai*, 'vamos sair daqui';
5. *Jalemo nuspesque*, 'vamos embora';
6. *Guiemo pro aver cheme*, 'vamos pra outro lugar';
7. *Siale lachon?*, 'está bem?';
8. *Mencha sile lachon*, 'eu estou bem'.

É evidente que as considerações feitas por Adolpho Coelho sobre o Rumanho não se estendem ao Dialeto Egipciano. Seria inadmissível pensarmos em que os enunciados acima revelam uma perda de "quase todas as partículas e pronomes". Aliás, somente a partícula *pro* no enunciado 6 não é cigana. Errôneo seria dizer-se que o "português ocupa o lugar abandonado pela gramática cigana" ou que os enunciados atestam um processo de hispanização.

Nada neles legitimaria a afirmação de que os termos são ciganos, mas, portuguesas ou espanholas, a sintaxe e a morfologia.

Afirmações contrárias às que acabaram de ser postas em destaque também não viriam ao caso. Por exemplo, não seria exato dizermos que os enunciados acima são típicos de um verdadeiro dialeto ou antes de um subdialeto particular aparentado "com os dialectos neo-hindus". Os entrevistados da Comunidade Cigana de Sobral chegam, às vezes, a produzir enunciados e perífrases designativas híbridos, isto é, enunciados constituídos por termos ciganos entremeados de pronomes e partículas da Língua Portuguesa, como os sintagmas oracionais 1, 2 e 3 acima considerados.

A linguagem dos Ciganos de Sobral é, às vezes, surpreendente como nos enunciados acima, em que são próprios não apenas os termos e/ou itens lexicais, mas também a sintaxe e a morfologia. Mostra-se outras vezes, todavia, lacunosa. A exemplo da Língua Romani, possui um léxico restrito, não tendo, por conseguinte, designações para conceitos de certos campos semânticos, entre os quais se destaca o dos termos de parentesco. Nestes casos, a falta de designações específicas é suprida por perífrases que parafraseiam o conceito. O *Glossário* ilustra este processo com alguns exemplos, entre os quais aqui pomos em relevo a perífrase designativa do conceito 'primo': *chavon do pra do miron bato*, 'filho do irmão do meu pai', literalmente. Aqui, os elos ou partículas de conexão são portugueses e ciganos, os termos.

Se o processo da degenerescência operasse, de modo infalível, em todas e quaisquer realidades lingüísticas, as linguagens de muitas comunidades minoritárias já teriam desaparecido. É possível que a linguagem dos ciganos do Alentejo já se encontrasse, de fato, na situação descrita em COELHO (1892). Como explicar, pois, que o processo da degenerescência não tenha afetado o Dialeto Egipciano ou, para evitarmos esta designação comprometedora, a *linguagem dos ciganos de Sobral?* Com certeza, o degredo para o Brasil dos ancestrais dos membros da Comunidade Cigana Sobralense (Ceará) e, com eles, conseqüentemente, a transplantação da linguagem cigana se verificaram em tempo bem anterior à atuação do referido processo, possibilitando, desse modo, a pre-

servação de certos traços e o desenvolvimento de outros. A *linguagem dos ciganos de Sobral* está, no entanto, fadada ao desaparecimento em virtude do sedentarismo do grupo e do fato de somente os ciganos de média e avançada idade a terem como instrumento de identidade étnica. Daí a importância de seu registro.

8 Referências bibliográficas

As remissões às fontes consultadas – tanto as normais, isto é, as que constituem obras individuais ou coletivas sob a forma tradicional de publicação, o livro, quanto as obtidas através da internet – foram feitas em consonância com o sistema de referência bibliográfica em vigência na atualidade. Consubstanciam-se no interior dos verbetes, de forma abreviada e prática, de acordo com o seguinte protocolo técnico: sobrenome(s) do(s) autor(es) em maiúsculas, seguido(s) da data de publicação do trabalho entre parênteses e, dentro destes ainda, após os dois-pontos que se seguem à data, o número da página em que se localiza, seja a citação, seja a co-variante interdialetal ou a(s) forma(s) correspondente(s) noutro(s) dialeto(s). A única exceção a este protocolo é a referência ABELIN (1996), porque as páginas deste trabalho, obtido através da internet, não são numeradas.

Cumpre, por último, prestar mais um esclarecimento, para evitar equívocos, relativamente às datas de publicação de duas fontes. Estas são as obras pioneiras da Ciganologia no âmbito lusofônico. Referimo-nos aos trabalhos meritórios de Mello Moraes Filho, no Brasil, e de Adolfo Coelho, em Portugal. Estes trabalhos originalmente publicados em 1886 e 1892, respectivamente, tiveram reedições: o primeiro em 1981 e o segundo em 1995. Pois bem: utilizamos, para referência neste Glossário, as edições recentes, convindo notar que os números das páginas de localização da citação, co-variante ou forma correspondente noutro(s) dialeto(s) remetem a estas edições recentes, mas as datas que os antecedem são as de publicação da primeira edição, numa espécie de retorno no tempo, para ressaltar o pioneirismo e a antiguidade dos trabalhos, e, sobretudo, considerando a época de sua elaboração, a qualidade e confiabilidade de sua essência, das quais temos con-

vicção absoluta à luz de outros trabalhos recentes e do que pudemos comprovar através de nossa própria pesquisa.

Este pequeno empreendimento lexicográfico vem alinhar-se com contribuições anteriores – as clássicas, consubstanciadas em MORAES FILHO (1886: 101-106) e em COELHO (1892: 41-61), bem como em ABELIN (1996) –, mas não há, de nossa parte, a mínima intenção de superá-las, senão a de complementar informações e esclarecer questões, cujas chaves explicativas se encontram em evidências que se conservam no Dialeto Egipciano.

Abreviações e abreviaturas

adj. = adjetivo
adj. part. = adjetivo participial
adv. = advérbio
cf. = confira
f. v. f. = forma verbal flexionada
interj. = interjeição
num. card. = numeral cardinal
PROJETO-CCS = Projeto Comunidade Cigana de Sobral, cuja coleta de dados prévios data de 1998.
pron. = pronome
q. v. = queira ver
s. = substantivo nos casos de incerteza relativa ao gênero da palavra
s. f. = substantivo feminino
s. f. pl. = substantivo feminino plural
sint. nom. = sintagma nominal
sint. or. = sintagma oracional
s. m. = substantivo masculino
s. m. pl. = substantivo masculino plural
s. 2g. = substantivo de dois gêneros
v. = verbo
v. g. = verbi gratia

Símbolos

* = O asterisco identifica 'forma hipotética';
→ = a seta denota 'reescreve-se como' e/ou 'converte-se em';
/ / = as barras inclinadas encerram segmentos fonologicamente transcritos; e
[ ] = os colchetes compreendem segmentos foneticamente transcritos.

Glossário

A

Achelar, v. 'ficar'; 'permanecer'. Ocorre no enunciado **Cada gives achele lachon pa suete** (q. v.).

Acons, s. m. pl. 'olhos'. *Co-variantes interdialetais*: *acans*, em MORAES FILHO (1886: 103); e *acais* e *sacais*, em COELHO (1892: 41 e 59, respectivamente). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *iâk*, 'olho'; *iakhá*, 'olhos', em ABELIN (1996); *jakha*, em FONSECA (1996: 73); e *jak* e *tschak*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 38 e 89). No Dialeto Caló, o termo equivalente é *aquía*, 'olho', conforme GEIPEL (1997: 154).

Adagives, adv. 'hoje'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *ada* (= Pronome demonstrativo), 'este' e *gives* (= Radical e substantivo). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *agues*, em ABELIN (1996); e *adi*, classificado como 'adv. temp.', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 5).

Aduve, interj. e s. m. 'adeus'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *a-* (= Preposição em função prefixal) e *duve* (= Radical e substantivo). Ocorre no sintagma nominal **Aduve gives puron** (q. v.). *Forma correspondente noutro dialeto*: *ash deulessa*, em ABELIN (1996).

Aduve gives puron, sint. nom. 'Adeus ano-velho!'. Literalmente: 'Adeus dia-velho!'. Forma abreviada de *aduve gives baron puron* e/ou *aduve gives puron baron*, que não ocorrem no texto da entrevista, mas são posteriormente confirmadas, em comunicação telefônica, pelo segundo informante.

Agurissan, adv. 'agora'. Não há registro desta formação nos trabalhos pioneiros de MORAES FILHO (1886) e COELHO (1892). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *akaná*, em ABELIN (1996); *kaná*, em HOLZINGER (1995: 4); e *akan/akana/akanak*, nas acepções de 'agora', 'imediatamente' , 'então' e 'depois' em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 5).

Angren do cheron, s. 'testa'. Literalmente: 'frente da cabeça'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *testuncha*, em COELHO (1892: 61); e *tikat*, em ABELIN (1996).

Apisan, adv. 'perto'. Forma ocorrente no enunciado **Juvela apisan da suete** (q. v.). Concatenada com a preposição *de*, da Língua Portuguesa, forma a locução prepositiva *apisan de*, tal como no enunciado acima.

Avelar, v. 'entrar'; 'ter'. A forma finita *avela* está registrada, na acepção de 'tem', em COELHO (1892: 93) como termo do "calão ou algarvia dos malandros". No verbete **muis** (q. v.), registramos um anexim, em que a referida forma finita ocorre na acepção de 'entrar'.

Aver, pron. 'outro'. Forma pronominal comum a alguns dialetos ciganos, entre os quais se inclui o descrito em ABELIN (1996). Possui co-variantes interdialetais. (q. v. **Ver**) Ilustrações da concatenação das co-variantes *aver* e *ver* na formação de enunciados – oração e/ou sintagma lexical – no Dialeto Egipciano se encontram no verbete **Cheme** (q. v.).

B

Bale, s. m. 'cabelo'. *Co-variantes interdialetais*: *bales*, 'cabelos', em MORAES FILHO (1886: 103); *bale*, em COELHO (1892: 43); *bal*, em HOLZINGER (1995: 5); ABELIN (1996); GEIPEL (1997: 150); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 11); e *bal, bala*, em LIBAL & STRAIN (1997: 2). Segundo a última fonte, *bal, bala* provêm da forma *ba-l*, do Hindi.

Balichin, s. f. 'porca'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *balich-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Co-variante noutro dialeto*: *balitschkija*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 11).

Balichon, s. m. 'porco'. Não há registro desta forma em MORAES FILHO (1886) e COELHO (1892). A correspondente forma de feminino é **Balichin** (q. v.). A forma lemática se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *balich-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). *Co-variantes interdialetais*: *balichû*, em COELHO (1892: 43); *balô*, em ABELIN (1996); e *balitscho*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 11).

Baron, adj. 'grande'. Forma masculina do adjetivo, a qual se segmenta em: *bar-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). Deriva-se, segundo LIBAL & STRAIN (1997: 1), de *bar.a*, do Hindi (*vad.ra* no Sânscrito). Tem caráter universal e pode ser, a exemplo do que constatamos no Dialeto Egipciano, oxítona na maioria dos dialetos ciganos. Esta suposição se apóia nos acentos e marcas diacríticas que acompanham as representações gráficas das seguintes *co-variantes interdialetais*: *baró*, em COELHO (1892: 43); *bāro*, em HOLZINGER (1995: 5); *barô*, em ABELIN (1996); *baró*, em LIBAL & STRAIN (1997: 1); e *baro*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 12).

Bato, s. m. 'pai'. A vogal final não pode ser interpretada como sufixo marcador de gênero masculino, porque, no Dialeto Egipciano, o conceito de 'mãe' é expresso pela forma heterônima *dai*. No dialeto dos ciganos do Rio de Janeiro, descrito em MORAES FILHO (1886), a vogal final *–o* pode ser interpretada como sufixo, porque o conceito de 'mãe' é designado por forma homônima diferenciada apenas pela vogal /-a/: *bato*, 'pai' e *bata*, 'mãe'. Em idêntica situação, encontram-se as designações de 'pai' e 'mãe' no dialeto descrito em COELHO (1892: q. v. 43). Em virtude destes precedentes gráficos, a grafia *bato* é aqui adotada, embora a vogal átona final soe [u] e haja quem grafe *batu*, como o fez GASPARET (1999: 31), ao transcrever o *Pai-nosso* (= *Batu di nusca*, conforme a transcrição em referência). Salientemos, por último, que *bato*, com base no que afirma GEIPEL (1997: 143), é termo caló que também significa 'um sujeito' ou 'um janota'.

Bharval, s. 'vento'. Forma pertencente ao Dialeto dos Ciganos Kaldarash do Brasil, que é citada, durante a entrevista, pelo inquiridor com a finalidade de apurar o conhecimento dela por parte dos ciganos que falam o Dialeto Egipciano. À pergunta 'Existe, na língua cigana, a palavra *bharval?*', o entrevistado principal responde que 'não', chegando o segundo informante a ser mais enfático: <<*Bharval* nunca foi pronunciada por nenhum cigano.>> A referida forma se acha registrada em ABELIN (1996). *Co-variantes noutro dialeto*: *balval* e *bavlal*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 11 e 12).

Bidito, s. m. 'coisa' ou 'bicho'. Termo de caráter muito genérico que entra em várias composições designativas e abrange vários conceitos além dos acima mencionados.

Bosh, s. 'ano'. Outra forma pertencente ao Dialeto dos Ciganos Kaldarash do Brasil, que é citada, durante a entrevista, pelo inquiridor com a finalidade de apurar o conhecimento dela por parte de ciganos que falam o Dialeto Egipciano. À pergunta 'É, *bosh* é uma palavra cigana?', o entrevistado principal responde: – 'Num é do nosso conhecimento não.' A referida forma se acha registrada em ABELIN (1996). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *bregue*, em COELHO (1892: 44); *beŕs*, no Romani comum, e *berji*, *breje*, no Caló, em e conforme GEIPEL (1997: 152); e *bersch*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 13). A forma que tem curso no Dialeto Egipciano é **Gives baron** (q. v.).

Bracon, s. m. 'bode'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *brac-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Braquin** (q. v.). Não há registro desta forma nem de forma análoga ou parecida, na mesma acepção, em MORAES FILHO (1886). Em COELHO (1892: 43 e 44), registram-se *barcó* e *branquiá* como designaçôes de 'carneiro'. *Forma equivalente noutro dialeto*: *busnô*, em ABELIN (1996).

Bracon parnon, s. m. 'carneiro'. Literalmente: 'bode branco'. As formas componentes da designação lemática se segmentam em quatro morfes, assim especificados e classificados: *brac-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino); e *parn-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A forma correspondente de feminino é **Braquin parnin** (q. v.). *Forma equivalente noutro dialeto*: *bacrô*, em ABELIN (1996).

Braquin, s. f. 'cabra'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *braqu-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Forma equivalente noutro dialeto*: *buznî*, em ABELIN (1996), na acepção não apenas de 'cabra', mas também na de 'cabrita'.

Braquin parnin, s. f. 'ovelha'. Literalmente: 'cabra branca'. As formas componentes deste sintagma lexical se segmentam em quatro morfes, assim especificados e classificados: *braqu-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino); e *parn-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Formas equivalentes noutros dialetos*: *barquí* e *braquí*, em COELHO (1892: 43 e 44, respectivamente); e *bakro*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 11).

Brichindar, v. 'chover'. *Forma correspondente noutro dialeto: del brushind*, em ABELIN (1996). Ocorre sob a forma de gerúndio, algumas vezes, durante a entrevista. (q. v., por exemplo: **Siale brichindan(d)o lachon gives)**

Brichindinpen, s. 'pluviosidade'. Forma que tem ocorrência no enunciado **Siale querdando brichindinpen** (q. v.). Segmenta-se em três morfes, assim especificados e classificados: *brichind-* (= Raiz e/ou radical primário), *-in* (= Sufixo de significado desconhecido, mas isolável em face de **Brichindar** (q. v.) e **Brichindon** (q. v.), por exemplo) e *-pen* (= Sufixo derivacional). Deste sufixo derivacional afirma FONSECA (1996: 74) o que se segue:

> Com a adição do antigo sufixo índico *pen*, equivalente a 'dade' ou 'dês' (sic), podem-se criar substantivos abstratos como *romipen*, ciganidade.

Brichindo, s. m. 'chuva'. Concatena-se com *siale*, 'é' ou 'está', para a expressão do conceito de 'inverno'; *siale brichindo*, 'é chuva' e/ou *siale brichindando*, 'está chovendo' são duas maneiras de referência ao conceito, porque para este inexiste, no Dialeto Egipciano, designação específica. *Co-variantes interdialetais*: *brichindin*, em MORAES FILHO (1886: 103); *brushind*, em ABELIN (1996); *brišindo*, em GEIPEL (1997: 152), para quem o termo é do Romani comum; e *brischind*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 15).

Brichindo baron de butê, sint. nom. 'tá chovendo demais', conforme tradução do informante principal. Literalmente: 'chuva grande demais'. Sintagma produzido pelo referido informante em resposta à pergunta: 'E uma chuva assim muito GROSSA, demorada, muito forte?' Notemos que o informante não diz **Barin** (q. v.), senão **Baron** (q. v.), o que, evidencia que **Brichindo** (q. v.) é, de fato, 'substantivo masculino'.

Brichindon, s. m. 'mau tempo'. Formação que ocorre no enunciado **Siale querdando brichindo brichindon** (q. v.), em que não denota diretamente o conceito de 'mau tempo'. Funciona aqui como termo que intensifica o sentido sugerido por **Brichindo** (q. v.). Tem registro, na acepção de 'tempo mau', em MORAES FILHO (1886: 103).

Bute, adv. 'muito'. Forma coincidente com a primeira das *co-variantes*, a seguir, anotadas: *bute*, em COELHO (1892: 44); *būt*, em HOLZINGER

(1995: 33); e *but*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 16). *But* ocorre como 'pronome', tal como no seguinte dito dos ciganos albaneses, registrado em FONSECA (1996:52): *Jekh dilo kerel but dile hai but dile keren dilimata*, 'Um louco faz muitos loucos e muitos loucos fazem a loucura'.

Butê, adv. 'muito'; 'demais'. Forma com ocorrência, por exemplo, no sintagma nominal **Brichindo baron de butê** (q. v.). A forma *butê*, que não se acha registrada em nenhuma das fontes consultadas, não se confunde com **Bute** (q. v.) por várias razões, entre as quais cumpre salientar as que se seguem: 1) ela é oxítona, enquanto a última, paroxítona; 2) tem distribuição diferente e pode, como no sintagma acima, ser precedida da preposição 'de'; e 3) a última, ou seja, *bute* sempre ocorre antes de adjetivo (q. v. **Bute lachon**). No Dialeto Egipciano, existem duas construções sintagmáticas distintas: *bute lachon*, 'muito bom' e *lachon de butê*, 'bom demais'. Neste caso, o emprego da preposição 'de' é obrigatório, para acentuar a distinção. Não sendo um adjetivo, porém, a palavra que vem antes da referida preposição, o emprego desta antes de *butê* é opcional, como evidenciam estes dados da entrevista: **Truvelando butê** (q. v.) e **Truvelando de butê** (q. v.). Por último, salientemos que há, na entrevista, um momento em que o inquiridor percebe e se certifica da diferença prosódica entre *bute* e *butê*.

C

Cada gives achele lachon pa suete, sint. or. 'cada dia fica bom e/ou bem pa gente'. Enunciado produzido em resposta a indagação relativa à existência de frase e/ou provérbio aplicável a 'uma pessoa que é boa e tem sorte'. (q. v. **Suete bute lachon**) Em última análise, observemos que, embora a maioria dos termos seja do dialeto cigano, é portuguesa, praticamente, a estrutura do enunciado deste verbete.

Cai, adv. 'aqui'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *coi*, nas acepções de 'cá' e 'aqui', em COELHO (1892: 47); *kai*, adv. e pron., nas acepções de 'aqui' e 'este', respectivamente, em HOLZINGER (1995: 21); e *khatê*, em ABELIN (1996).

Cambre, s. 'sol', 'verão'. Termo de que não há registro nas fontes consultadas. Curiosamente, no entanto, a primeira sílaba coincide, mais ou menos, com as seguintes *co-variantes*: *can*, em COELHO (1892: 45);

cam, em LIBAL & STRAIN (1997: 3); *khãm*, em ABELIN (1996); *kham*, em FONSECA (1996: 73); e em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 46).

Chavin, s. f. 'filha'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *chav-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Formas equivalentes noutros dialetos*: *chavina*, em MORAES FILHO (1886: 104); e *shei /chei*, em ABELIN (1996).

Chavon, s. m. 'filho'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *chav-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Chavin** (q. v.). *Co-variantes interdialetais*: *chavôn*, em MORAES FILHO (1886: 104); *tš̆āvo*, em HOLZINGER (1995: 12); *shau/chau*, em ABELIN (1996); e tschau/*tschavo*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 90). Notemos, por último, que o termo objeto deste verbete procede do Romani *chavo*.

Cheme, s. m. e f. 'caminho', 'lugar' e 'terra'. Termo com ocorrência nas seguintes composições sintagmáticas: *Guiemo(s) pro aver cheme*, 'vamos pra outro lugar'; **Lansulegue do cheme baron** (q. v.); **Lulon das ver chemes** (q. v.).

Cheron, s. m. 'cabeça'. Termo, cuja origem é *š̆erro*, este, conforme a fonte correspondente abaixo citada, do Romani comum. *Co-variantes interdialetais*: *ejeró*, em COELHO (1892: 49); *scherô*, em ABELIN (1996); *š̆erro*, em GEIPEL (1997: 152); *sero*, em LIBAL & STRAIN (1997: 8); *schero*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 78). GEIPEL (1997:152) esclarece que [š̆], segmento que existe no Romani comum, transforma-se em "j" [x] no Castelhano e, por extensão, no Dialeto Caló. Daí a forma *jeró* no mencionado dialeto. É curiosa, portanto, a conservação de [š̆] no Dialeto Egipciano. Curiosa, mas explicável: a forma deste último dialeto deveria ser *(e)jeron*, porque a língua dos ciganos de Portugal procede, segundo COELHO (1892), da dos ciganos da Espanha; contudo, a língua cigana do Brasil veio de Portugal e o Português possui, tanto fonética quanto fonologicamente, o segmento [š̆]. Em suma, assinalemos que *cheron*, a exemplo de *shero*, em FONSECA (1996: 21), também designa o conceito de 'líder'.

Chibre, s. f. 'língua' nas acepções de 'articulador' e 'instrumento de comunicação' (idioma). *Co-variantes interdialetais*: *chibe*, nas acepções

de 'língua', 'palavra', 'vocabulário', em MORAES FILHO (1886: 104); *schib*, 'linguagem'; *shibá*, 'língua', em ABELIN (1996); e *tschib*, 'língua' e 'linguagem', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 91).

Chudar, v. 'banhar', 'lavar' e 'molhar'. (q. v. **Chudon**) *Forma equivalente noutro dialeto*: *naiarel*, em ABELIN (1996).

Chudon, adj. part. 'banhado'. Forma que ocorre nos enunciados: **Siale chudon** (q. v.) e **Siale chudon do brichindo** (q. v.), o primeiro produzido pelo informante secundário e o último, pelo informante principal. *Chudon* é o particípio de **Chudar** (q. v.), que significa 'banhar', 'lavar' e 'molhar'. A forma infinitiva não ocorre na entrevista, mas foi posteriormente confirmada, em comunicação telefônica, pelo segundo informante. Conforme este, 'orvalho' é *cuchurron brichindinpen*, que significaria 'chuva pouca', mas literalmente: 'pouca pluviosidade'. Esta designação não se atesta no texto da entrevista, tendo sido elicitada do segundo informante em comunicação telefônica.

Churron, adj. 'mau'. *Forma mais ou menos correspondente noutros dialetos*: *chungo*, 'feio', em COELHO (1892: 47); e *chungo*, 'ruim', em GEIPEL (1997: 161)

Crivìn, s. f. 'comadre'. Forma que, a exemplo da correspondente de masculino (q. v. **Crivon**), segmenta-se em duas partes, a saber: *criv-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Co-variantes interdialetais*: *crivin*, em MORAES FILHO (1886: 104); *kirví*, em ABELIN (1996); e em LIBAL & STRAIN (1997: 8); e *kirivi*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 43).

Crivon, s. m. 'compadre'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *criv-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Crivin** (q. v.). *Co-variantes interdialetais*: *crivão*, em MORAES FILHO (1886: 104); e *cribó*, em COELHO (1892: 48). Ao que parece, não há distinção designativa para os conceitos de 'compadre' e 'padrinho' entre ciganos de alguns dialetos. *Kirvo*, em KAUFMAN (1979: 142); *kirvô*, em ABELIN (1996); e *kirivo*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 43) são formas designativas do conceito de 'padrinho'. A forma *cribó* constitui uma evidência de que a inversão /_ir_/ → /_ri_/, por metátese, processou-se nos – e talvez somente nos – dialetos ciganos da Península Ibérica.

É esta hipótese que explica as formas *crivão* e *crivon* nos dois dialetos ciganos do Brasil.

Cucale, s. m. 'osso'. *Co-variantes interdialetais*: *cucáles*, 'ossos', em MORAES FILHO (1886:104); *kôkalo*, 'osso'; *kôkalê – kôkala*, 'ossos', em ABELIN (1996); *cocal*, em GEIPEL (1997: 159); e *kokalo*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 43). O termo é de procedência grega e copioso, aliás, é o contingente vocabular grego no Romani por uma razão histórica, assim conjecturada em GEIPEL (loc. cit. acima):

> *O grande componente grego em romani indica que a Grécia (e, talvez, a Ásia Menor pré-seldjúcida em geral) representou um importante local de parada na rota de migração dos primeiros ciganos, e que eles ficaram lá tempo o bastante para adquirir um copioso vocabulário grego, incluindo os nomes dos numerais sete, oito e nove (efta, otor e enia em caló) e termos essenciais como foró (cidade), drom (estrada), cocal (osso) e zumi (sopa).*

Cucale de riban, s. m. 'crânio'. Literalmente: 'osso de cima', mas o informante secundário traduz como 'osso do crânio'.

Cuchurron, adj., adv., pron. e s. f. 'coisa pouca', 'coisinha' e 'pouquinho'. Forma que tem ocorrência no enunciado: **Siale brichindando cuchurron** (q. v.). Tem registro em MORAES FILHO (1886: 104), associada às acepções de <<quase nada, um bocadinho, pouco, miúdo>>.

Cuchurron brichindinpen, s. m. 'orvalho'. (q. v. **Chudon**)

Cuchurron da suete, s. m. 'amigo'. Literalmente: 'um bocadinho e/ou um pouco da gente'. Outro conceito para o qual o egipciano, a exemplo de outros dialetos ciganos, não possui designação específica prévia. MORAES FILHO (1886: 104) registra o termo *cuchurron* nas acepções de <<quase nada, um bocadinho, pouco, miúdo>>. Alguns dialetos ciganos, no entanto, podem ter designações específicas – às vezes em acepção especial – para o conceito em epígrafe, como demonstram estes registros que transcrevemos sob a rubrica de *Formas equivalentes noutros dialetos*: *cambulon*, em MORAES FILHO (1886: 103); *cambelés*, 'camarada' (?) (sic), em COELHO (1892: 45); e *kestra*, em LIBAL & STRAIN (1997: 7).

D

Dacai, adv. 'daqui'. Formação resultante da justaposição da forma contrata portuguesa *da* e *cai*, termo cigano de ignota origem.

Danes, s. m. pl. 'dentes'. *Co-variantes interdialetais*: *dánes*, em MORAES FILHO (1886: 104); *dañes*, em COELHO (1892: 48); *dand*, 'dente', em ABELIN (1996); FONSECA (1996: 79); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 19).

Drial, s. 'rio'. Forma da qual não existe um registro sequer nas fontes consultadas. Tem ela aproveitamento, no âmbito do Dialeto Egipciano, na formação da designação *drial du raty*, que significa 'veia' e, literalmente, 'rio de sangue'.

Duis, num. card. 'dois'. *Co-variantes interdialetais*: *dui*, em HOLZINGER (1995: 22); *duy*, em ABELIN (1996); e *duj*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 21). *Forma correspondente noutro dialeto*: *yai*, em LIBAL & STRAIN (1997: 15). Conforme o estudo comparativo exposto em ABELIN (1996), *duis* é forma usada pelos Ciganos Calô e/ou Caló e *duy*, a que tem curso no dialeto dos Ciganos Kaldarash do Brasil.

Duis vaz, num. card. 'dez'. Forma produzida pelo informante principal, mas a emitida pelo segundo é *dui vaz*. Ambas, no entanto, significam, literalmente: 'dois cinco'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *dēš*, em HOLZINGER (1995: 22); *desh*, em ABELIN (1996); e *desch*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 19).

E

Ela mequela o brichindo, sint. or. 'nuvem'. Literalmente: 'ela solta a chuva', conforme a tradução do informante principal. Enunciado produzido em resposta à pergunta: 'O que é que se forma no céu e produz a água da chuva?'.

Equi[1], num. card. 'um'. Forma de procedência controvertida. Pode, conforme os dados expostos tabularmente em GEIPEL (1997: 149), provir de uma das seguintes formas: *yequé*, do Caló; *yek*, do Romani comum; *ek*, do Hindi; e *éka*, do Sânscrito. Ao referir-se a *yekh*, no entanto, KAUFMAN

(1979: 142) não só diz que provém provavelmente do Persa, como também nega que se relacione etimologicamente com *eka*, do Sânscrito. *Co-variantes interdialetais*: *yekh*, em KAUFMAN (1979: 142); *jek*, em HOLZINGER (1995: 22); *yek*, em ABELIN (1996); e *jek* e *tschek*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 38 e 90, respectivamente). Por último, presumimos que, nalguns casos (v. g.: *jek* e *yek*), a variação é puramente gráfica.

Equi[2], art. e pron. 'um', 'uma'. Forma possivelmente derivada da correspondente de numeral (q. v. **Equi**[1]), a exemplo do que ocorreu com *jek* no dialeto cigano alemão. Sobre esta questão HOLZINGER (1995: 13) se pronuncia, assim: << O artigo indefinido tem sua origem no numeral *jek* 'um'. O desenvolvimento diacrônico do artigo indefinido se processou, provavelmente, como se segue: jek → je → ji → i.>> A única diferença entre as duas situações é que, no Dialeto Egipciano, a forma derivada não se desfigurou diacronicamente, permanecendo igual à primitiva.

Está truvelando butê, sint. or. 'tá estrondando demais', conforme tradução do informante principal. Enunciado híbrido produzido pelo referido informante em resposta à pergunta: 'E o estrondo que vem do céu anunciando chuva?' (Subentende-se: 'Como se chama?').

Estar, num. card. 'quatro'. *Co-variantes interdialetais*: *štār*, em HOLZINGER (1995: 22); *stár*, em ABELIN (1996); e *schtar*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 80). Na maioria dos dialetos ciganos, a julgar pelas sugerências das representações gráficas, a forma significante deste número cardinal parece iniciar-se por fricativa côncava chiante ou por fricativa côncava sibilante. Na pronúncia dos ciganos assentados em Sobral-CE, realiza-se claramente a fricativa côncava chiante, mas esta é, indubitavelmente, antecedida de uma vogal protética, que é ora /i/, ora /e/. *Estar* é, aliás, segundo GEIPEL (1997: 149), a forma designativa do número cardinal 'quatro' em Caló.

Estar e estar, num. card. 'oito'. Forma produzida pelos dois informantes. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *oxto*, em KAUFMAN (1979: 141); *oxta*, em HOLZINGER (1995: 22); *orbthô*, em ABELIN (1996); e *ofto*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 59).

G

Gives, s. m. 'dia'. *Co-variantes interdialetais*: *chibé*, em COELHO (1892: 46); *gues*, 'dia' e *guessá*, 'dias', em ABELIN (1996); *chibés*, 'dia' no

singular mesmo, em GEIPEL (1997:153); e *di*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 20).

Gives baron, s. m. 'ano'. Literalmente: 'dia grande'. Resposta dada pelo informante principal à pergunta: 'Como é que se diz, na língua cigana, 'ano'?' Entre as noções de 'tempo', somente 'dia' possui designação específica no Dialeto Egipciano. Com esta designação específica, constroem-se todas as demais designações e expressões de saudação ligadas às noções de 'tempo' (q. v., por exemplo, **Aduves gives puron**, **Gives xinorron**, **Lachon gives nuvon**, entre outras.). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *bregue*, em COELHO (1892: 44); **Bosh** (q. v.), em ABELIN (1996); e *berš*, do Romani comum, e *berji*, *breje*, ambas do Caló, em e conforme GEIPEL (1997: 152). A forma *berš* também se registra em HOLZINGER (1995: 5).

Gives da Duvesquidas, s. m. 'Semana Santa'. Literalmente: 'dias santos', conforme tradução do informante principal. Todavia, a expressão do conceito, tal como prolatada, significa efetivamente: 'dia da divindade' (suprema) ou 'dia de Deus'. *Gives da Duvesquidas* – notemos: *gives* no singular, quando *giveses* é que seria a forma correta de 'dias'; e *da* antes de *Duvesquidas* a indiciar esta palavra no gênero feminino – constitui aparentemente um lapso. A expressão lógica e esperada do conceito é *giveses do Duvesquidas*. *Forma correspondente noutro dialeto*: *deshuduy parashtuia*, em ABELIN (1996).

Gives lachon, s. m. 'ano-bom'. Literalmente: 'dia bom'. Forma abreviada de *gives baron lachon* e/ou *gives lachon baron*, que não ocorrem no texto da entrevista, mas são posteriormente confirmadas, em comunicação telefônica, pelo segundo informante. Durante a entrevista, o inquiridor percebe a ausência do adjetivo *baron* e tenta, sem êxito, obter o esclarecimento para o fato junto ao entrevistado. *Forma correspondente noutro dialeto*: *bosh lachô*, em ABELIN (1996).

Gives nuvon, s. m. 'ano-novo'. Literalmente: 'dia novo'. Forma abreviada de *gives baron nuvon* e/ou *gives nuvon baron*, que não ocorrem no texto da entrevista, mas são posteriormente confirmadas, em comunicação telefônica, pelo segundo informante. Durante a entrevista, o inquiridor percebe a ausência do adjetivo *baron* e tenta, sem êxito, obter esclarecimento para o fato junto ao entrevistado. *Forma correspondente noutro dialeto*: *bosh nevô*, em ABELIN (1996).

Gives xinorron, s. m. 'mês'. Literalmente: 'dia pequeno' e/ou 'ano pequeno'. O adjetivo **Xinorron** (q. v.) se segmenta em dois morfes. *Formas correspondentes noutros dialetos: mesuncho*, classificada como 'substantivo masculino', em ABELIN (1996); e *masek*, classificada como 'substantivo feminino', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 52).

Gras, s. m. 'cavalo'. Forma procedente do Armênio *grast* e/ou *grasté*, conforme LIBAL & STRAIN (1997: 7) e GEIPEL (1997: 159), respectivamente. *Gras* é, segundo a primeira fonte, entre as acima citadas, a designação do conceito no Dialeto Kaldarash. Esta fonte, no entanto, não informa o domínio territorial do referido dialeto. Talvez não o tenha feito, por não ser necessário, tratando-se de forma comum a todas as modalidades dialetais do Kaldarash distribuídas em várias partes do mundo. A correspondente forma de feminino no Dialeto Egipciano é **Grasnin** (q. v.). *Co-variantes interdialetais*: *grai*, 'cavalo' (com aplicação a homem ou mulher ignorantes, etc.)', em MORAES FILHO (1886: 104); *gras*, em ABELIN (1996); e *gra*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 31).

Grasnin, s. f. 'égua'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *gras-* (= Radical) e *-nin* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Co-variantes interdialetais*: *grañí*, em COELHO (1892: 50); *grasní*, em ABELIN (1996); e *grasni*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 31).

J

Jalar, v. 'ir'. Consignado em MORAES FILHO (1886: 104) com o sentido análogo de 'ir embora'. COELHO (1892: 51) também registra o termo, porém, na acepção de 'comer'. Esta última fonte registra, no entanto, *chalar* que tem as acepções de 'ir', 'andar', 'caminhar', 'correr'. Cf. COELHO (1892: 45). *Chalar* – e não *jalar* – é o termo que GEIPEL (1997: 157) usa para traduzir em Caló certo enunciado anglo-romani em que, curiosamente, ocorre *jal-e* não *chal* –, senão vejamos: << (...) a frase anglo-romani *Let's jal ta pe mul* (Vamos beber vinho) é imitada por sua equivalente em Caló, *Chalemos ta piyar mol*; nos dois casos, os principais itens lexicais são romanis, mas a estrutura gramatical e as inflexões são do inglês e do espanhol, respectivamente, com a versão em Caló seguindo o exemplo do espanhol de colocar o imperativo do verbo

chalar (ir) no modo subjuntivo.>> Notemos, por último, que *jalar* é termo Caló e significa, conforme GEIPEL (1997: 143), 'ficar bêbado'.

Juvela apisan da suete, sint. or. 'vizinho'. Literalmente: 'mora perto da gente'. Enunciado produzido pelo informante principal em resposta à pergunta: 'Como se diz 'vizinho'?' Supre a falta de designação específica para o conceito em referência.

Juvelar, v. 'morar'. Forma que se manifesta, de modo finito, no sintagma oracional *juvela apisan da suete*, 'mora perto da gente', o qual supre a falta de designação específica para o conceito de 'vizinho' no Dialeto Egipciano. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *juvinhar*, em MORAES FILHO (1886: 105); e *beshel*, em ABELIN (1996).

L

Lachin, adj. 'boa'. Forma feminina do adjetivo **Lachon** (q. v.). Segmenta-se em dois morfes, assim especificados e classificados: *lach-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). Tem registro em MORAES FILHO (1886: 105), associada às acepções de <<boa, gostosa, saborosa, meiga>>. *Co-variante*: *lachi*, em ABELIN (1996).

Lachin rachin, s. f. 'boa-noite'. *Forma correspondente noutro dialeto*: *mai lachi quirí riat*, em ABELIN (1996).

Lachin tardira, s. f. 'boa-tarde'.

Lachin ugin, sint. nom. 'Boa sorte!' e/ou 'boa vontade'. Enunciado equivalente a 'Boa sorte!' *noutro dialeto*: *Te avês bharhtalô*, 'Que você tenha sorte!', em ABELIN (1996). A última palavra do sintagma se acha registrada em GASPARET (1999: 32), mas grafado com 'm': *ugim* (sic).

Lachon, adj. e adv. 'bom' e 'belo'; e 'bem', respectivamente. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *lach-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Lachin** (q. v.). Tem registro em MORAES FILHO (1886: 105), associada às acepções de <<bom, gostoso, saboroso, meigo>>. *Co-variantes interdialetais*: *latšo*, em HOLZINGER (1995: 13); *lachô*, em ABELIN (1996); *lacho*, em FONSECA (1996: 73); e *latscho*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 48).

Lachon gives, s. m. 'bom-dia'; modo de cumprimento entre ciganos, do dialeto em estudo, pela manhã. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *droboito* e *guies lachô*, em ABELIN (1996); e *laches chibeses*, expressão do Dialeto Caló, que, segundo GEIPEL (1997: 158), <<imita a forma plural do espanhol *buenos dias*>>.

Lachon gives nuvon, sint. nom. 'Feliz ano-novo!'. Literalmente: 'Feliz dia novo!'. Forma abreviada de *lachon gives baron nuvon* e/ou *lachon gives nuvon baron*, expressões alternativas que não ocorrem no texto da entrevista, mas são posteriormente confirmadas, em comunicação telefônica, pelo segundo informante.

Lansulegue do cheme baron, s. 'nuvem'. Literalmente: 'cobertura' e/ou 'lençol do céu'. Em ABELIN (1996), registra-se a forma *nuvuria*, o que evidencia a possibilidade da existência de designação específica para o conceito de 'nuvem' em outros dialetos, a exemplo do que ocorre no dos Ciganos Kaldarash do Brasil.

Lulon, s. m. 'burro'. *Formas correspondentes noutro dialeto*: *guer* e *her*, em COELHO (1892: 51) e ainda *rucó*, (id. ibid.: 58).

Lulon das ver cheme, sint. nom. 'burro de raça'. Literalmente: 'burro de outras terras'. Fruto do cruzamento 'manga-larga'/campolina. O Dialeto Egipciano não possui para conceito de certos campos semânticos designações específicas. Nestes casos, formam-se, quando necessário, designações << ad hoc>>, que podem, presumivelmente, variar de situação para situação e de indivíduo para indivíduo.

Lunarda, s. f. 'lua'. Forma constituída por dois morfes presumíveis: *lun-* (= Raiz e/ou radical primário), do Latim *luna, æ*, e *-arda* (= Sufixo derivacional). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *cajuqui* e *tremuche*, em COELHO (1892: 44 e 61, respectivamente); *shunuto*, em ABELIN (1996); *chomut*, em FONSECA (1996: 73); e *tschon*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 92).

Lunarda xinorrin, s. f. 'estrela'. Literalmente: 'lua pequena'. Forma complexa que se segmenta em quatro morfes – os dois primeiros isoláveis de modo presumível –, assim classificados: *lun-* (= Raiz e/ou radical primário) e *-arda* (= Sufixo derivacional); e *xinorr-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Formas correspondentes noutros*

dialetos: *chinutra*, em COELHO (1892: 46); *therain*, em ABELIN (1996); *cerhaia* (no plural), em FONSECA (1996: 73); e *tscherheni / tscherhenji*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 91).

M

Maron, pron. 'meu'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *mar-* (= Raiz e/ou radical primário) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). Varia com **Miron** (q. v.) e a correspondente forma de feminino é *mirin*, que, aliás, não ocorre nas duas primeiras horas da entrevista. *Co-variantes interdialetais*: *murhô*, 'meu' e *murhê*, 'meus', em ABELIN (1996); *mīr*, sg. e *mār*, pl., em HOLZINGER (1995: 19); e *mro*, classificada como 'pronome possessivo de primeira pessoa do singular', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 54). Ocorre no enunciado **Siale chavon do pra do maron bato** (q. v.).

Meangue gives, s. m. 'meio-dia'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *médio chibé*, em COELHO (1892: 35); e *mismêri*, em ABELIN (1996).

Mencha, pron. 'eu'. *Co-variantes interdialetais*: *mensa*, em MORAES FILHO (1886: 105); e *menda*, em GEIPEL (1997: 151). A última co-variante é termo que, conforme o que lemos na correspondente fonte em que se registra, penetrou na língua da Espanha, em cujo domínio as crianças empregam a expressão <<*mí menda* no sentido de 'eu mesmo'>>.

Mequelar, v. 'deixar; 'soltar'. Termo que, sob forma finita, ocorre neste enunciado: **Ela mequela o brichindo** (q. v.). *Co-variantes interdialetais*: *miquelar*, em COELHO (1892: 54); *meck*, 'soltar', em ABELIN (1996); e *mekjarav*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 52). COELHO (1892: 54) registra a forma *mequelar* como sendo do Dialeto Gitano, forma que, curiosamente, se conserva no dialeto dos ciganos assentados em Sobral-CE.

Miron, pron. 'meu'. Co-variante relativamente a **Maron** (q. v.), que, igualmente, se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *mir-* (= Raiz e/ou radical primário) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). Ocorre em **Siale chavon do pra miron bato** (q. v.).

Mormo, s. m. 'café'. Não há registro desta forma nas fontes consultadas. A palavra ocorre, durante a entrevista, em enunciado produzido por

iniciativa do próprio entrevistado. Eis o enunciado: *Jalemo(s) pinha(r) mormo*, 'vamos tomar café'. Num segundo momento, o entrevistado repete o enunciado e prolata os segmentos finais das duas primeiras palavras: *Jalemos pinhar mormo*.

Muis, s. m. 'boca'. Em alguns dialetos, como veremos, as co-variantes significam 'rosto' e 'cara', 'rosto' e 'boca' ou simplesmente 'cara'. *Co-variantes interdialetais*: *mui*, 'rosto' e 'cara', em MORAES FILHO (1886: 105); *mui*, na acepção de 'cara' e classificada como 's. f.', em COELHO (1892: 54); *muy*, em ABELIN (1996); *muj*, nas acepções de 'rosto' e 'boca', em FONSECA (1996: 74); *mui*, em LIBAL & STRAIN (1997: 12); e *muj*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 54). A notarmos, em especial, o gênero masculino da forma lemática, que fica patenteado através da desinência *-on* neste anexim: *Em muis pandinon non avela bidito churron*, 'Em boca fechada, não entra mosca.'

N

Naki, s. m. 'nariz'. *Co-variantes interdialetais*: *naki* ou *naque*, em MORAES FILHO (1886: 105); *naclés*, em COELHO (1892: 54); *nack*, em ABELIN (1996); *nak*, em HOLZINGER (1995: 11); FONSECA (1996: 29); LIBAL & STRAIN (1997: 12); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 56); e *naquí*, em GEIPEL (1997: 156).

Não siale querdando cambre, sint. or. 'não está fazendo sol', conforme tradução do informante principal. Enunciado híbrido produzido pelo segundo informante em resposta à pergunta: 'Nublado, como é que se diz?' Embora pareça uma evasiva, o enunciado é, na verdade, um meio de suprimento da lacuna lexical.

Não sila querdando cambre, sint. or. 'não está fazendo sol', conforme tradução do informante principal. Enunciado híbrido produzido pelo referido informante em resposta à pergunta: 'Nublado, como é que se diz?' Na repetição do enunciado, o informante em questão prolata: *Non sila querdando cambre*, que tem, obviamente, o mesmo sentido.

Niscudar, v. 'sair'. Forma ocorrente neste enunciado espontaneamente produzido pelo informante principal: *Jalemo(s) niscuda(r) dacai*, 'vamos sair daqui'. Não existe um registro sequer desta forma verbal nas fontes consultadas.

Non sila querdando cambre (q. v. **Não sila querdando cambre**).

Nusca, pron. 'nós'. Forma que, antecedida pela preposição portuguesa 'de', funciona como pronome possessivo: *De nusca*, 'nosso'. O sintagma nominal *batu de nusca*, registrado em GASPARET (1999: 31), significa 'Pai nosso'.

Nuvon, adj. 'novo'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *nuv-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). *Co-variantes interdialetais*: *nevô*, em ABELIN (1996) e em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 57); e *nebo*, em GEIPEL (1997: 154). A última co-variante constitui a forma do Dialeto Caló.

O

Ovaz e/ou **Vaz**, num. card. 'cinco'. A primeira forma significante deste número cardinal foi a produzida pelo informante principal; a segunda, que também significa 'mão' e/ou 'dedos da mão', a emitida pelo informante secundário. É claro que a vogal inicial da primeira forma constitui o artigo 'o', que tanto pode ser o da Língua Portuguesa quanto a forma articular singular masculina da Língua Romani, que sobrevive em alguns dialetos ciganos europeus, entre os quais os genericamente aludidos em HOLZINGER (1995: 13). Conforme esta fonte, as formas do artigo definido são as seguintes: *o* (= masculino singular); *i* (= feminino singular); e *i* (= plural em ambos os gêneros). *Ovaz* significa, portanto, 'o cinco' numa clara alusão aos cinco dedos da mão. Para efeito descritivo, no entanto, não é possível fazer opção pela forma *vaz*, pois que só foram ouvidos dois indivíduos da comunidade. Os dados elicitados de ambos, porém, favorecem a escolha e definição de *vaz* como a forma significante do número cardinal em questão. Cf. **Vaz**[1] e **Vaz**[2].

Ovaz e duis, num. card. 'sete'. Forma produzida pelo informante principal, mas *estar e tris* é a prolatada por um segundo informante, que, assim, a traduz: 'três' e 'quatro' (notemos a inversão) são 'sete', numa demonstração de que no Dialeto Egipciano, para os números cardinais de 'seis' a 'nove' e outros acima de 'dez', não há designações únicas preestabelecidas. *Co-variante(s) interdialetal(is)*: *efta*, em HOLZINGER (1995: 22) e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 25); e *eftá*, em ABELIN (1996).

Ovaz e equi, num. card. 'seis'. Forma produzida pelo informante principal, mas *sho* é a proferida pelo segundo informante. Do número cardinal 'seis' até 'dez', os únicos até então pesquisados, as formas designativas são analíticas, contrariamente ao que constatamos noutras realidades dialetais. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *šob*, em HOLZINGER (1995: 22); e *shou/shov*, em ABELIN (1996). O estudo comparativo exposto sob forma tabular em GEIPEL (1997: 149) nos permite identificar estas co-variantes com *šov*, que seria a designação deste número cardinal no denominado Romani comum. Ainda de acordo com a última fonte citada (id. ibid.: 152), <<o som *sh* (...) não se encontra no caló e também no castelhano; quando esse som ocorre em Romani comum, ele é invariavelmente tratado em caló como um *iota* (fricativa velar)>>. Assim sendo, a co-variante do Caló é *job*.

Ovaz e estar, num. card. 'nove'. Forma produzida pelo informante principal, mas o segundo inverte a ordem dos termos componentes e prolata *estar vaz*, assim a traduzindo: 'quatro' e 'cinco' dá 'nove'. Portanto, a simples inversão dos morfemas gera a variação onomasiológica no âmbito de um dialeto. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *enia* (leia-se *enija*), em KAUFMAN (1979: 141); *enja*, em HOLZINGER (1995: 22); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 25); e *ighá*, em ABELIN (1996).

P

Pain, s. f. 'água'. Variante derivada da forma universal *pani* mediante adição de nasal depois da última vogal e subseqüente subtração da nasal intervocálica. *Pain*, por conseguinte, não resulta da operacionalização de um simples processo de metátese a ter como base a forma *pani*. O que nos faz rejeitar esta hipótese é a existência, entre as co-variantes interdialetais, da forma *panin*, que consideramos intermediária. Noutros dialetos, no entanto, pode ser outro o ordenamento das regras fonológicas. A forma *paj*, entre as co-variantes interdialetais abaixo declinadas, evidencia que a supressão da nasal intervocálica pode ocorrer antes e independentemente da operacionalização ou não de qualquer outro processo. Com relação à forma *pani*, lembremos, com base em afirmação indireta e dados expostos em GEIPEL (1997: 150), ser ela comum a <<quatro dialetos representativos do romani europeu>>, a saber: Caló, Alemão, Inglês e Russo (dialeto Kalderash). Este fato atesta a universalidade da referida forma, que, conforme LIBAL & STRAIN (1997:

13), procede do Hindi. *Co-variantes interdialetais*: *panin*, em MORAES FILHO (1886: 105); *pañi*, em COELHO (1892: 56); *pāni*, em HOLZINGER (1995: 5); *pani*, em LIBAL & STRAIN (1997: 13); e *paj* e/ou *pani*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 60 e 61, respectivamente).

Pain barin, s. f. 'açude'. Literalmente: 'água grande'. Os usuários do dialeto descrito em HALWACHS & AMBROSCH (1999: q. v. 12) raciocinam com a noção de 'água grande' para a formação da designação do conceito de 'mar'. Cf., na citada fonte, o registro: <<*baro paj* nomphr. Meer>>. Nomphr. é a abreviação de Nominalphrase. Da comparação do primeiro sintagma com este último, inferimos duas diferenças entre os dialetos citados: a primeira diz respeito ao gênero do substantivo: *pain*, s. f. e *paj*, s. m.; a segunda à ordem do substantivo e do adjetivo. Este se posiciona depois do substantivo no Dialeto Egipciano, mas antes no dialeto cigano alemão.

Pain xinorrin, s. f. 'cacimba'. Literalmente: 'água pequena'. *Pain* é forma simples, mas **Xinorrin** (q. v.) se segmenta em duas partes.

Pandinon, adj. 'fechado'. Forma adjetiva participial que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *pandin-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é *pandinin*. *Co-variantes interdialetais*: *phandadô*, em ABELIN (1996); e *phandlo*, em HOLZINGER (1995: 36); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 68).

Parnin, adj. 'branca'. Forma feminina do adjetivo **Parnon** (q. v.). Segmenta-se em dois morfes, assim especificados e classificados: *parn-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino).

Parnon, adj. 'branco'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *parn-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Parnin** (q. v.). *Co-variantes interdialetais*: *parnôn*, em MORAES FILHO (1886: 105); e *parno*, em FONSECA (1996: 73) na acepção de 'pálido'; e em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 62).

Pinhar, v. 'beber' e 'tomar'. Forma possivelmente derivada de uma base livre *pi* e/ou presa *pi-*, que se registram em ABELIN (1996) e em HOLZINGER (1995: 26) com as acepções de 'beba' e 'beber', respectiva-

mente. *Co-variantes interdialetais*: *piar*, em MORAES FILHO (1886: 105); *pillar*, em COELHO (1892: 57); *piau*, em HOLZINGER (1995: 18); *piyar*, em GEIPEL (1997: 157); e *pijav*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 64). Salientemos, por último, que COELHO (1892: 94 e 96) registra também *piar*, na acepção de 'beber', como termo do "calão ou algarvia dos malandros" e do "calão dos contra-bandistas de Albergaria – a – Velha", respectivamente. O termo, que, ainda conforme COELHO (1892: 101), pertence também à germania, passou à Língua Portuguesa na mesma acepção, mas talvez não provenha, próxima e diretamente, do << fr. ant. *pier*>>, como estabelece HOUAISS (2001).

Plaques, s. f. pl. 'orelhas'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *kán – can* (variantes gráficas, pressumivelmente), 'orelha', em ABELIN (1996); e *kan*, 'orelha' e classificada como 's. m.', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 40).

Pra, s. m. 'irmão'. Termo quase universal, senão universal mesmo, pois que, salvo uma ou outra alteração segmental decorrente da operação de processos como os de adição, troca, subtração e metátese, existe em muitos dialetos. *Co-variantes interdialetais*: *pla*, em MORAES FILHO (1886: 105); *plar*, em COELHO (1892: 57); *phrāl*, sg. e *phrāla*, pl. na acepção de 'irmão'; e *phēn*, sg. e *phenia*, pl. na acepção de 'irmã', em HOLZINGER (1995: 7); *phral*, nas acepções de 'irmão' e 'irmã', em ABELIN (1996); *phral*, 'irmão' e *phen*, 'irmã', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 69 e 68, respectivamente). Para mais co-variantes em outros dialetos – v. g.: *pral, plal, phal*, etc. – v. LIBAL & STRAIN (1997: 2).

Primiran gives do cheme, sint. nom. 'janeiro'. Literalmente: 'primeiro dia do 'caminho' e/ou 'lugar'. Forma produzida pelo informante principal em resposta à pergunta: 'Janeiro'. Como é 'janeiro'? Segundo o outro informante, em conversa por telefone, 'janeiro' se designa assim: *primiran giveses do gives baron*, isto é, literalmente: 'primeiros dias do ano'.

Puron, adj. e s. m. 'velho'. Forma masculina do adjetivo e substantivo, que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *pur-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). Ocorre no sintagma nominal **Aduve gives puron** (q. v.). A forma correspondente de feminino é *pirin*. *Co-variantes interdialetais*: *puron*, em MORAES FILHO (1886: 105); *phūro*, em HOLZINGER (1995: 11 e 14); *phurô*, em

ABELIN (1996); *puro*, em LIBAL & STRAIN (1997: 13); e *phuro*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 69).

Q

Querdar, v. 'fazer'; 'executar'. O termo já se acha averbado em MORAES FILHO (1886: 106) com a acepção de 'fazer'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *querelar*, em COELHO (1892: 58); *kherel*, em ABELIN (1996); *querar*, em GEIPEL (1997: 150); e *kerav*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 41).

Quical, s. m. 'jumento'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *quic-* (= Radical) e *-al* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente de feminino é **Quicoa** (q. v.).

Quicoa, s. f. 'jumenta'. Forma que, a exemplo da correspondente de masculino (q. v. **Quical**), se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *quic-* (= Radical) e *-oa* (= Sufixo flexional de gênero feminino).

R

Rachin, s. 'noite'. O termo ocorre neste enunciado espontaneamente produzido por um dos entrevistados: *Jalemo(s) raia(r) de rachin*, 'vamos comer de noite'. Sobre este enunciado há, no texto da entrevista, comentário que salienta a prolação escandida das duas primeiras palavras e a justaposição das duas últimas nestes termos: *de rachin* se pronuncia como se fosse uma só palavra, e do mesmo modo ou de maneira análoga deviam pronunciar os ciganos do Rio de Janeiro há mais de cem anos, como sugere este registro que se localiza em MORAES FILHO (1886: 104): <<*Dirachin*, noite.>>. O registro *Dirachin* constitui uma quase representação fonética de duas palavras: a preposição portuguesa *de* e a palavra cigana *rachin*. Suporte para esta interpretação encontramos em algumas das seguintes *co-variantes interdialetais*: *arachí*, em COELHO (1892: 42); *rati*, em HOLZINGER (1995: 39); *riat*, em ABELIN (1996); *archí*, em GEIPEL (1997: 152), forma posssivelmente derivada através da inversão dos dois primeiros segmentos de **rachí*; e *rat*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 71).

Raia(r), v. 'comer'. Termo que, aparentemente, se relaciona com *rhá*, registrado com o mesmo sentido em ABELIN (1996). No dialeto descrito em COELHO (1892: q. v. 51), 'comer' é *jalar*, que também se relaciona com *raiar* e deste pode ter-se derivado, ainda no âmbito do Caló, mediante o deslocamento dos segmentos representados pelas letras 'j' e 'r' e a introdução de /l/, processos fonológicos que serviram para desfigurar o termo original. Esta hipótese é mais plausível do que a inversa em virtude de evidências como a apresentada em ABELIN (1996) acima neste verbete, bem como em **Rhaben** (q. v.). Na entrevista, o termo ocorre em *Jalemo(s) raia(r)*, 'vamos comer', enunciado espontaneamente produzido pelo entrevistado principal e que, segundo este, também significa 'vamos almoçar' ou 'vamos jantar'.

Raty, s. m. 'sangue'. *Co-variantes interdialetais*: *raty*, em MORAES FILHO (1886: 106); *arate*, em COELHO (1892: 42); *rat*, em ABELIN (1996); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 71); e *rati*, em GEIPEL (1997: 153). Conforme GEIPEL (loc. cit. acima), *rat* é forma do Romani comum e *rati*, forma do Dialeto Caló. O acréscimo da vogal /i/ no Caló, ainda de acordo com o citado lingüista, se deve à influência da fonologia espanhola. Concluamos, pois, que a forma *raty* do dialeto dos ciganos do Rio de Janeiro em fins do século XIX não constitui inovação variacional surgida no Brasil. Cremos, no entanto, que tanto 'i' quanto 'y' pode ser uma decorrência de equívoco perceptivo, pois é muito difícil afirmar e assegurar que há vogal quando /t/ se manifesta foneticamente como som fricativo côncavo alveopalatal.

Raty da suete, sint. nom. 'família'. Literalmente: 'sangue da gente'. Sintagma produzido em resposta à pergunta "Como se diz 'família' no dialeto de vocês?" (q. v. **Suete da suete**)

Rhaben, s. 'almoço'. Termo não consignado em COELHO (1892). MORAES FILHO (1886: 103) registra *Cabén* nas acepções de 'comida' e 'alimento'. A forma lemática tem a mesma base das formações *rabbê*, 'alimentação' e *rhabenata*, 'alimento', ambas registradas em ABELIN (1996). As três podem ter-se derivado de *rhá*, 'comer', também listada em ABELIN (1996). Comentário especial merece a representação gráfica do segmento inicial de todas essas palavras por meio de 'rh'. Nos dialetos ciganos de todo o mundo, há, ao que parece, dois tipos de 'rr', conforme esta distinção estabelecida em ABELIN (1996):

RÊCO (RIO) – o R inicial é fraco, então a minha opção foi por amenizar este R colocando um H na frente – HRÊCO (RIO).

Outro exemplo – em muitas palavras aparece um R – érre – gutural bem diferente do som dos érres duplos – RR –, a minha opção foi pela representação do RH – que aparece na palavra RHÁBE (COMIDA).

É difícil o prognóstico do que quiseram ou querem dizer lingüistas de ontem ou de hoje, ao empregarem o termo *gutural*. Noutras palavras, é impossível saber o ponto de articulação exato de certos sons oclusivos ou fricativos. Em trabalhos antigos ou atuais, em que o termo é empregado sem qualquer esclarecimento articulatório, *gutural* pode referir-se, seja ao *véu do palato*, seja à *região uvular*, seja à *garganta* e/ou *faringe*. No que se refere ao Dialeto Egipciano, podemos garantir que o 'r' de *rhaben* é fricativo faringal.

S

Sho gives, s. 'semestre'. Literalmente: 'seis meses', subentendendo-se que *gives* constitui a abreviação de *giveses xinorrones*.

Sho gives da Duvesquidas, s. m. 'Sexta-feira Santa'. Literalmente: 'sexto dia da Semana Santa', interpretando a expressão acima como abreviação de *sho gives do gives da Duvesquidas*. *Forma correspondente noutro dialeto: parashtui barí*, em ABELIN (1996). Esta forma correspondente significa, literalmente, 'sexta-feira grande'.

Siale, f. v. f. 'é'; 'está'. *Siale lachon?*, 'cê está bem?'; 'está bom?' É difícil – q. v. adiante **Sile**, 'estou' – atinar-se com a forma infinitiva do verbo. 'Ser' e 'estar', no Dialeto Gitano, é, conforme COELHO (1892: 59 e 62), *sinar* e/ou *sinelar* e, aliás, a forma registrada em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 76) é *sina*.

Siale brichindando cuchurron, sint. or. 'tá chovendo po(u)quinho'. Enunciado assim traduzido e produzido pelo segundo informante em resposta às indagações : 'E uma chuvinha fria, bem fininha, é uma...' e 'Como é <<neblina>>?'.

Siale brichindando de butê, sint. or. 'tá chovendo demais', conforme tradução do informante principal. O sintagma acima constitui enunciado

produzido pelo referido informante em resposta à indagação: 'E uma chuva assim muito GROSSA, demorada, muito forte?'. Outro enunciado produzido em função da citada pergunta, mas, desta feita, pelo segundo informante, é: **Brichindo baron de butê** (q. v.).

Siale brichindan(d)o lachon gives, sint. or. 'o tempo está bom', conforme tradução do próprio informante. Embora difícil, a tradução literal do enunciado que constitui o lema poderá ser: 'está chovendo bem hoje'. A primeira, a não-literal, encontra explicação no fato de que os ciganos de Sobral-CE têm a mesma mentalidade dos nordestinos não-ciganos, para os quais é bom o vento que vem com a chuva ou traz a chuva. Os dois fenômenos – chuva e vento – estão intimamente ligados, sendo esta a razão pela qual o 'tempo chuvoso' é considerado como 'tempo bom'. *Siale brichindan(d)o lachon gives* constitui enunciado produzido pelo segundo informante em resposta à pergunta: 'O que é que faz com que as nuvens se desloquem no céu?' Outros enunciados produzidos, também pelo segundo informante, em função da citada pergunta são: **Siale querdando brichindinpen** (q. v.) e **Siale querdando lachon gives** (q. v.).

Siale chavon do pra do maron bato, sint. or. 'primo'. Literalmente: 'é filho do irmão do meu pai'. Um dos enunciados produzidos pelo segundo informante em resposta à pergunta: 'Como é que (se) diz na gíria de vocês, no dialeto de vocês, 'primo'?' (q. v. **Siale chavon do pra do miron bato**). *Formas correspondentes noutro dialeto*: *vôro*, 'primo' e *vôruia*, 'primos', em ABELIN (1996).

Siale chavon do pra do miron bato, sint. or. 'primo'. Literalmente: 'é filho do irmão do meu pai'. Outro enunciado produzido pelo segundo informante em resposta à pergunta: 'Como é que (se) diz na gíria de vocês, no dialeto de vocês, 'primo'?' (q. v. **Siale chavon do pra do maron bato**).

Siale chudon do brichindo, sint. or. 'tá banhado pelo orvalho', conforme tradução do segundo informante. 'Tá molhado da chuva, do orvalho' é a tradução que o informante principal faz do enunciado por ele mesmo produzido em resposta às indagações: 'E aquelas gotas d'água, que aparecem, amanhecem nas plantas sem ter chovido à noite ou de madrugada, se chama?' e 'Orvalho. Como é orvalho?'.

Siale querdando brichindinpen, sint. or. 'está ventando'. Literalmente: 'está fazendo tempo de chuva'. Enunciado produzido pelo segundo

informante ou informante secundário em resposta à pergunta: 'O que é que faz com que as nuvens se desloquem no céu?'. Pelo visto, o Dialeto Egipciano não possui designação específica prévia para o conceito de 'vento' e, por esta razão, o usuário cria, quando necessário, a designação que constitui, neste e noutros casos, uma perífrase descritiva. Sobre a palavra 'vento', diz o referido informante na entrevista: <<Ela, ela é uma palavra que ela não tem uma composição adequadra (sic). Ela é uma palavra que ela é como eu falei para o senho(r), se faz o arranjo mediante seja o tempo da palavra, certo?>> Em seguida, exemplifica e explica o que chama de <<arranjo>> com a construção de outro enunciado nos seguintes termos: << Por exemplo: Está chovendo. A chuva traz o vento, traz a brisa, traz tudo, nu(m) é? (...) O vento, a mesma brisa. Então, a gente pode pronuncia(r) dessa maneira: *siale brichindan(d) o lachon gives*. Que(r) dize(r) que 'o tempo está bom.'>>.

Siale querdando brichindo brichindon, sint. or. 'está ventando muito forte'. Enunciado produzido e traduzido pelo segundo informante em resposta às perguntas: 'Como é 'ventania'?' e 'Tem uma palavra pra 'ventania?'.

Siale querdando lachon gives, sint. or. 'está ventando', conforme tradução do segundo informante ou informante secundário. Literalmente: 'está fazendo bom dia' ou (um) 'belo dia'. Menos literalmente: 'está fazendo bom tempo' ou (um) 'tempo bonito'. Outro enunciado produzido pelo referido informante em resposta à pergunta: 'O que é que faz com que as nuvens se desloquem no céu?' (q. v. **Siale querdando brichindinpen** e **Siale brichindan(d)o lachon gives**).

Sila, f. v. f. 'está'. Forma empregada em dois enunciados híbridos: **Não sila querdando cambre** (q. v.) e **Non sila querdando cambre** (q. v.). A co-variante intradialetal *siale* é, no entanto, empregada num número maior de construções oracionais.

Sile, f. v. f. 'estou'. A forma de terceira pessoa do singular é **sila** (q. v.).

Sta(r) e trin giveses, sint. nom. 'semana'. Literalmente: 'quatro e três dias'. Enunciado produzido pelo segundo informante (q. v. **Sta(r) sta(r) gives xinorron**). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *kurkô*, em ABELIN (1996); e *kurko*, classificada como 'substantivo masculino', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 45). Achegas complementares em **sta(r) sta(r) gives xinorron** (q. v.).

Sta(r) e tris gives(es), s. m. pl. 'semana'. Literalmente: 'quatro e três dia(s)'; notemos que 'semana' constitui um período de tempo que tem a duração de sete dias. Enunciado produzido pelo informante principal em resposta à pergunta: 'Semana?', em que se subentende 'Como se diz ?'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *kurkô*, em ABELIN (1996); e *kurko*, classificada como 'substantivo masculino', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 45).

Sta(r) sta(r) gives xinorron, sint. nom. 'semana'. Literalmente: 'quatro, mais quatro dia pequeno', sendo óbvio o equívoco de um ponto de vista aritmético, porque a 'semana' só tem sete dias. A resposta equívoca acima foi provida pelo informante principal. Em conversa telefônica, o segundo informante produziu, corretamente, a designação do conceito em epígrafe: *sta(r) e trin giveses*, isto é, literalmente: 'quatro e três dias'.

Suete, s. 2g. 'gente', 'família' e 'pessoa'. Forma de origem desconhecida, de que há registro em COELHO (1892). *Formas correspondentes noutros dialetos*: *gene-manush* na acepção de 'gente', em ABELIN (1996); e *manusch*, na acepção de 'homem', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 51). Em COELHO (1892: 60), a forma lemática se acha registrada e classificada como 's. f.'. No Dialeto Egipciano, ela ocorre ora no gênero feminino, ora no masculino como neste sintagma nominal produzido em resposta à indagação relativa à existência de frase ou provérbio aplicável a 'uma pessoa que é boa e tem sorte': **Suete bute lachon** (q. v.).

Suete bute lachon, sint. nom. 'gente muito boa'. Literalmente: 'gente muito bom'. Enunciado produzido pelo informante principal em resposta à indagação relativa à existência de uma frase ou provérbio aplicável a 'uma pessoa que é boa e tem sorte'. A correspondente pergunta no questionário foi motivada pelo seguinte lanço que lemos em ABELIN (1996): <<Quando se quer dizer que alguém tem sorte ou que é boa pessoa, costuma-se dizer literalmente: 'Ele tem uma estrela na Testa' (sic), *Sçiles tcharaín anô tikat*.>> Este dito pode ter curso e vitalidade entre os Ciganos Kaldarash do Brasil. Entre os ciganos assentados em Sobral, não há, por este e por outros vistos, provérbio ou frase específica referente ao objeto da indagação.

Suete da suete, sint. nom. 'gente da família', conforme a tradução do próprio entrevistado. Literalmente: 'gente da gente'. Enunciado produzido e traduzido pelo informante principal em resposta à pergunta: 'Como se diz 'família' no dialeto de vocês?'

T

Tá brichindando de butê, sint. or. 'tá chovendo demais'. Enunciado híbrido produzido pelo informante principal em resposta à pergunta: 'E uma chuva assim muito GROSSA, demorada, muito forte?'.

Tá truvelando de butê, sint. or. 'tá estrondando demais', conforme tradução do informante principal. Enunciado híbrido produzido pelo referido informante em resposta à pergunta: 'E o estrondo que vem do céu anunciando chuva?' (Subentende-se: 'Como se chama?').

Tardira, s. e adv. 'tarde'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: *tardimen*, classificada apenas como 'advérbio', em COELHO (1892: 60); e *telairbiat*, em ABELIN (1996).

Trassalita, s. 'manhã'. *Formas correspondentes noutro dialeto*: *callicó* e *calicó*, em COELHO (1892: 44).

Tris, num. card. 'três'. *Co-variantes interdialetais*: *trĩn*, em HOLZINGER (1995: 22); *trin*, em ABELIN (1996) e em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 85). A forma *trin*, comum não só ao Calô (sic) e ao Romanês (q. v. estudo comparativo em ABELIN (1996)), mas também a outros dialetos ciganos, pode provir tanto de *tin*, do Hindi, quanto de *tri*, do Sânscrito, ou ser resultante da amálgama destas duas.

Truvelando butê (q. v. **Está truvelando butê**).

Truvelando de butê (q. v. **Tá truvelando de butê**).

Truvelar, v. 'estrondar'; 'trovejar'. Termo que ocorre, sob forma gerundial, nos seguintes enunciados: **truvelando butê** (q. v.) e **truvelando de butê** (q. v.).

Truvelo, s. m. 'trovão'. Termo de que não há registro em nenhuma das fontes especializadas acessíveis e de cuja formação é difícil qualquer conjectura. Não obstante a possibilidade de /-el-/ ser um afixo supérfluo desfigurador, é impossível, no momento, dizer de que protótipo lingüístico *truvelo* seria a imagem especular.

U

Ugin, s. f. 'disposição', 'natureza', 'sorte', 'vontade'. Em GASPARET (1999: 32): *ugim*, que é, por sinal, o único registro encontrado até agora. O 'n' final na nossa representação gráfica da palavra obedece à prática prévia de notação da nasal na tradição iniciada em MORAES FILHO (1886), tradição que, aliás, está de acordo com a prática ciganológica estrangeira de representação de palavras assim terminadas nos mais diferentes dialetos da Língua Romani. *Formas correspondentes noutro dialeto*: *guí – guy*, 'vontade' e *bárh*, 'sorte', em ABELIN (1996).

V

Vaz[1], s. m. 'mão'; 'dedos da mão'. *Co-variantes interdialetais*: <<*Vazes, dedos, mãos.*>>, em MORAES FILHO (1886: 106); *baste*, na acepção de 'mão' e classificada como 's. m.', em COELHO (1892: 43); *va*, nas acepções de 'mão' e 'braço', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 97).

Vaz[2], num. card. 'cinco'. *Formas correspondentes noutros dialetos*: pan$\check{t}$s, em HOLZINGER (1995: 22); *paenj*, em ABELIN (1996); e *pantsch*, em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 61). Conforme o estudo comparativo exposto em ABELIN (1996), *panché* é a forma empregada entre os Ciganos Calô e/ou Caló e *paenj*, a que tem curso no dialeto dos Ciganos Kaldarash do Brasil. Observemos, por último, que a diferença entre as co-variantes pan$\check{t}$s e *pantsch* deve ser puramente gráfica, já que os trabalhos que as registram dizem respeito a dialetos ciganos alemães. Mais precisamente, 'ťs' e 'tsch' representariam um mesmo som: o que se classifica como *africado côncavo alveopalatal*.

Ver, pron. 'outro'. Forma aferética de *aver*, comum ao dialeto falado pelos Ciganos Kaldarash do Brasil. ABELIN (1996) a registra ao lado da variante *averik*. O plural de *aver*, de acordo com o registro da citada fonte, se forma mediante a anteposição do morfe *kulá*. Assim sendo, recapitulem-se os registros em epígrafe: 'outro', *averik – aver*; e 'outros', *kulá aver*. É evidente que *ver*, *aver* e *averik* não esgotam as possibilidades de variações dialetais. PUXON (1979: 89) cita, a par de *aver*, 'other', as co-variantes *javer* e *vaver*.

X

Xinorrin, adj. 'pequena'. Forma feminina do adjetivo **Xinorron** (q. v.). Segmenta-se em dois morfes, assim especificados e classificados: *xinorr-* (= Radical) e *-in* (= Sufixo flexional de gênero feminino). *Formas correspondentes noutro dialeto*: *tikni*, no nominativo e *tikne*, no não-nominativo, em HOLZINGER (1995: 15).

Xinorron, adj. 'pequeno'. Forma que se segmenta em dois morfes, assim especificados e classificados: *xinorr-* (= Radical) e *-on* (= Sufixo flexional de gênero masculino). A correspondente forma de feminino é **Xinorrin** (q. v.). Tem registro, na mesma acepção, em MORAES FILHO (1886: 106). *Formas equivalentes noutros dialetos*: *tikno*, em HOLZINGER (1995: 15); e HALWACHS & AMBROSCH (1999: 85); e *tzinô*, em ABELIN (1996).

Xores, s. f. pl. 'barbas'. *Co-variantes interdialetais*: *xôres*, em MORAES FILHO (1886: 106); *shor*, 'barba', em ABELIN (1996); e *tschor*, classificada como 'substantivo masculino', em HALWACHS & AMBROSCH (1999: 92). *Forma correspondente noutro dialeto*: *barbuna*, em COELHO (1892: 43).

Bibliografia

ABELIN, Maria Rosa Wanovich Estevão (1996). *Romanês: registro do dialeto cigano Kaldarash*. http://www.inbrapenet.com.br.gipsy - mrabelin@inbrapenet.com.br.

BESSA, José Rogério Fontenele. A Comunidade Cigana de Sobral. *Essentia*; Revista de Cultura, Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral. Ceará, 1: 69-72. nov./fev. 1998/1999.

———. Os Ciganos assentados em Sobral: razões e passos metodológicos da investigação científica. *Revista do Instituto do Ceará* (Histórico, Geográfico e Antropológico), Fortaleza, *113*: 237-257, 1999.

COELHO, Adolfo (1892). *Os Ciganos de Portugal*; com um estudo sobre o Calão. [2. ed.] Pref. de Rosa Maria Perez. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. 291p. (Col. Portugal de perto, 32. Biblioteca de Etnografia e Antropologia, dir. por Joaquim Pais de Brito).

FONSECA, Isabel (1996). *Enterrem-me em pé:* os ciganos e sua jornada. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras. 362p.

GASPARET, Murialdo (1999). *O Rosto de Deus na cultura milenar dos ciganos*. São Paulo: Paulus. 124p.

GEIPEL, John (1997). Caló: a linguagem 'secreta' dos ciganos da Espanha. p. 133 – 166. In: BURKE, Peter e PORTER, Roy. *Línguas e jargões:* contribuições para uma história social da linguagem. Trad. de Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 267p.

HALWACHS, Dieter W. und AMBROSCH, Gerd (1999). *Wörterbuch Roman-Deutsch*. Unter Mitarbeit von Ursula Glæser et al. Verein Roma/ Oberwart. 100p.

HOLZINGER, Daniel (1995). *Romanes (Sinte)*. München [i. e.] Unterschleissheim; Newcastle: LINCOM Europa. 45p. (Languages of the world: Materials, 105).

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva. LXXXIII, 2925p.

KAUFMAN, Terence (1979). Review of Weer Rajendra Rishi, Multilingual Romani Dictionary. In: HANCOCK, Ian F. (1979) *Romani Sociolinguistics*. The Hague, Paris, New York: Mouton Publishers, 1979. 144p. *International Journal of the Sociology of Language, 19*: 131 – 144.

LIBAL, Ângela Batal and STRAIN, Will. *Romani/English dictionary*. http://www.geocities.com /SOHO/3698/rom.htm. 19p.

MORAES FILHO, Mello (1886). *Os Ciganos no Brasil e cancioneiro dos ciganos*. Posfácio de Sílvio Romero e Notas de Luís da Câmara Cascudo. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 1981. 118 e 78p., respectivamente. (Reconquista do Brasil; nova ser.; v. 59).

PUXON, Grattan (1979). Romanès and language policy in Iugoslavia. In: HANCOCK, Ian F. (1979) *Romani Sociolinguistics*. The Hague, Paris, New York: Mouton Publishers, 1979. 144p. *International Journal of the Sociology of Language, 19*: 83 – 90.